

# A INFLUÊNCIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NA DIMINUIÇÃO DOS INDICES DE EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR.<sup>1</sup>

Jéssica Raquel Koschmieder<sup>2</sup>

Aline Rejane Caxito Braga<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar a influência e a importância da Orientação Vocacional visto à problemática de evasão de alunos no ensino superior, considerando o cenário político, cultural e social brasileiro. O trabalho inicia-se com um breve relato da história da Orientação Vocacional seguido de uma discussão em seu contexto educacional e o significado do trabalho dentro da estrutura econômica capitalista. Posteriormente discute, que é possível, a ação conjunta do sistema educacional com o social no preparo do jovem para uma escolha profissional satisfatória e madura e conseqüentemente será menor o caso de evasão nas universidades e frustrações pessoais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orientação Vocacional. Evasão. Educação no Ensino Superior.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos da Grécia antiga, já se tinham notado que existiam entre os trabalhadores grandes diferenças quanto à forma de produção. Essa diversidade era vista tanto nas classificações feitas por status sociais quanto pelas diferenças individuais. Entretanto, a necessidade de uma orientação relacionada à vocação surgiu como consequência das rupturas igualitárias, tecnológicas e econômicas que vieram abalar e desestruturar os sistemas sociais. (GIACAGLI, 2003)

A história da Orientação Vocacional quanto ciência, teve dois acontecimentos importantes que marcaram seu início. O primeiro foi à criação do Centro de Orientação Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston*, fundado entre 1907 e 1909. (CARVALHO, 1995). E o segundo em 1909 quando Frank Parsons publicou sua obra *Choosing a Vocation* baseada em suas experiências de aconselhamento com jovens adultos.

---

<sup>1</sup> Artigo científico elaborado a partir dos estudos na pós-graduação na Faculdade do Pantanal- FAPAN.

<sup>2</sup> Psicóloga e aluna de pós-graduação da FAPAN.

<sup>3</sup> Psicóloga da Prefeitura de Cáceres, professora da FAPAN edoutoranda do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A teoria de Parsons é tida como clássica nesse campo, e até hoje exerce grande influência não só no aspecto teórico como também em relação à prática da orientação, além de ser conhecido como o pai da Orientação Vocacional (GIACAGLIA, 2003).

Parsons (1909) acreditava que o orientador deveria procurar identificar para cada orientando o que ele chamava de “lugar certo” no mundo das profissões, considerando suas características pessoais e as características de cada profissão. A distribuição dos cargos que anteriormente era feita por nascimento e posição social agora deveria ser feita de acordo com a capacidade e interesse do indivíduo. Para tal mensuração utilizava-se de testes psicológicos. (GIACAGLIA, 2003).

O primeiro método de avaliação utilizado no cenário brasileiro foi o Modelo de Avaliação Psicológica Centrada no Resultado, pois a preocupação é que dentre a variedade de opções profissionais a decisão chegue a um resultado específico equiparando as características pessoais e ocupacionais do indivíduo.

Este modelo permitiu, e em certa medida incentivou, o desenvolvimento de muitos instrumentos psicológicos específicos para a Orientação Profissional ou de Avaliação Psicológica em geral, pois depositava nas informações obtidas com estes instrumentos a confiança para realizar a indicação profissional que pudesse maximizar a realização das potencialidades do indivíduo e diminuir suas chances de frustração e inadequação. Inicialmente, os instrumentos mais utilizados dentro deste modelo foram os testes de inteligência e aptidões específicas e os inventários de interesses; posteriormente, foram acrescentados os inventários de personalidade. (BROWN; BROOKS, 1996)

O objetivo até então da orientação era que fossem descobertos nas indústrias que surgiam, trabalhadores aptos para cada tarefa e assim evitar que acidentes de trabalhos acontecessem e conseqüentemente diminuísse o nível da produção. (GIACAGLIA, 2003).

Sarriera (2006), diz que as mudanças vindas do mundo do trabalho implicam não apenas saber fazer, mas o saber ser. O domínio do conhecimento não é só intelectual, mas também prático do trabalhador no que se refere à utilização de novas tecnologias. Cita ainda uma definição de Stroonts (1998) onde o processo que mais tarde chamará de competência é visto como a identidade profissional resultante da capacidade do trabalhador.

## 2 AS DIVERSAS TEORIAS EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A partir dos anos 50, com o progresso tecnológico, os testes de inteligência, a técnica estatística da análise fatorial, o teste de interesses de Strong, entre outras publicações, fez com que o interesse dos teóricos em vez de focar na junção das características individuais com as características das profissões, fosse despertado a observar o processo da escolha profissional. Como o indivíduo se preparava durante o processo de decisão vocacional. (GIACAGLIA, 2003).

Osipow (1968) observou que a evolução das teorias em Orientação Vocacional aumentou de tal forma que considerou importante juntá-las e publica-las em forma de livro. Para Crites (1969), no final da década de sessenta já haviam sido apresentadas mais de quinze teorias e classifica-as em três grupos: as psicológicas, as não psicológicas e as gerais.

As psicológicas ele subdividiu em: Traço-Fator de Frank Parsons; Desenvolvimentais destacando Super e Carter. Decisórias tendo como a mais atuante de Miller e Galatt (1971). As psicodinâmicas sob a influência de Bordin, Nachmann e Segal (1963), da qual inclui a teoria psicanalítica de necessidades (Need) destacando Roe (1956) e Maslow (1948 e 1954). Do Eu (Self) coadunada com a teoria da Fenomenologia de Husserl.

As não psicológicas ele subdivide em econômicas - clássicos (como Adam Smith, 1937) - neoclássicos (caso de Thomas, 1956 e de Rottenberg, 1956) - culturais e sociológicas, e por último as gerais (destacando Holland, 1985) que compreendem as interdisciplinaridades (CRITES, 1969).

Giacaglia (2003) comenta que a organização de Crites (1969) facilitou bastante à compreensão das teorias em Orientação e acrescentou a contribuição de outras como a de caráter ideológico, representada por Bohoslavsky (1977) e associados, a teoria da aprendizagem social e outras.

Em novembro de 1993 foi fundada no Brasil a Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP) que desde então tem investido na promoção de eventos científicos, publicação de artigos científicos através da Revista Brasileira de Orientação Profissional. Existem ainda outras instituições de ensino superior que desenvolveram e algumas ainda desenvolvem pesquisa e extensão como: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), por meio do Laboratório de Estudos sobre

Trabalho e Orientação Profissional (LABOR), Serviço de Orientação Profissional (SOP). (VASCONCELOS, OLIVERIA, 2004).

### 3 A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E A EDUCAÇÃO

Lisboa e Soares (2000) afirmam que a formação de orientadores profissionais no Brasil esteja num processo evolutivo lento, e isso devido à importância do tema nas faculdades de Psicologia e Pedagogia considerando o tratamento dado à construção do papel de orientador concluindo que:

Como consequência, o desempenho da Orientação Profissional (OP) se dá, por um lado, de forma profunda, integrado a totalidade de aspectos a serem tratados na busca da escolha profissional e, por outro, de forma superficial ou fragmentada, em que partes de uma orientação são tidas como um todo ou, o que se torna mais grave, pela distorção do fazer OP: restringindo-se à informação parcial, a opiniões, carregadas de valores pessoais, à simples aplicações de inventários de interesses. (LISBOA; SOARES, 2000, p.11)

Considerando o desenvolvimento dos processos social de nosso país e a prática da Orientação Vocacional (OV), a autora acima referida não deixou de recordar algumas iniciativas que já existiram e se extinguiram principalmente em escolas particulares uma vez que nas escolas públicas os projetos de orientação são contados como práticas pontuais que podem extinguir-se a qualquer momento. Projetos fragmentados, sem compromisso com uma frequência que contribua verdadeiramente com o aluno fazendo com que esteja preparado para conhecer com profundidade a si mesmo e o que o mundo do trabalho pode lhe oferecer (LISBOA; SOARES. p.2000).

Os jovens sentem-se desamparados em relação à escola, pois esta não responde, na maioria das vezes, às suas necessidades de participação no mundo social, político e econômico. A orientação para o trabalho é feita de maneira ineficiente, por profissionais nem sempre capacitados para realizar esse tipo de reflexão entre os jovens. A falta de integração da escola com a vida e a dificuldade das crianças em realizarem outras atividades diferentes das escolares levam muitas vezes os jovens a sentirem-se desiludidos e decepcionados com a escola. (SOARES, 2002)

O objetivo do processo de orientação profissional é definir as áreas profissionais mais adequadas para o indivíduo, ou seja, aquela nas quais suas chances de sentirem-se adaptados e produtivos são maiores. (SPARTA; BARDAGI; TEIXEIRA, 2006).

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL *apud* VASCONCELOS, OLIVERIA, 2004).

Ao considerarmos então questões como a construção de identidade pessoal e profissional dentro das possibilidades de um contexto social é preciso observar as condições onde estão inseridos esses jovens que se sentem perdidos e sem amparo escolar, com ideias abaladas de quem realmente são e do que podem fazer. Lembrando que estar desempregado é um problema segundo Blanch (1990 *apud* SARRIERA 2006) social e individual.

Sabemos que o Brasil convive com uma economia clandestina que não paga imposto e não tem registro nos órgãos oficiais. A explosão no mercado informal é um fenômeno típico da economia instável e pobre, considerando como um meio de sobrevivência e dignidade para as pessoas. É importante salientar que nos últimos anos vêm ocorrendo também modificações no cenário mundial. Dentre elas a globalização, que consiste em um processo que visa à unificação de todos os mercados do mundo, ou uma divisão internacional do trabalho; isso é um processo social que atravessa nações, classes sociais e indivíduos, e possui dimensões econômicas, tecnológicas, políticas e culturais. (SARRIERA, 2006, p. 20)

O trabalho é uma das formas pela qual o indivíduo participa da sociedade, é sua produção contribuinte que garantirá seu espaço e sua inserção numa comunidade.

Infelizmente no Brasil, na sociedade capitalista dependente, o trabalho tem representado apenas condições de sobrevivência para a maioria do povo e não uma possibilidade de realização de crescimento pessoal. Em grande parte das famílias, o salário não dá pra suprir a carência de alimentação, quanto menos os gastos com a saúde, moradia, transporte, educação. Portanto trabalham onde encontram empregos. A possibilidade de escolha é rara. (SOARES, 2002)

A escolha é multi e sobredeterminada. As condições sociais, tanto quanto as necessidades do sistema de se reproduzir, expressam-se por meio de demandas, apelos ou chamados ao sujeito por meio: a) família, b) da estrutura educacional, e c) dos meios de comunicação de massa, que vão cristalizando as ideologias do sistema social pela representação das profissões, das suas relações, dos requisitos pessoais para se ter acesso a elas, de seu sentido social e do próprio valor do trabalho e da organização, do sistema de compensações materiais e morais alcançáveis. (BOHOSLOVSKY, 1997 *apud* GIACALIA 2003 p.64).

Segundo as Teorias Socioculturais e Econômicas, a classe que mais é influenciada pelos fatores econômicos é a classe baixa pela falta de informação e orientação, enquanto a classe mais favorecida economicamente considera o social e o

cultural para evitar que aconteça a perda do status alcançado pela família. Carreiras profissionais que exijam tempo integral de estudo ou muitos anos de formação como é o caso da Medicina que exige ainda materiais didáticos caríssimos ficam cada vez mais distante da realidade da maioria dos alunos de escolas públicas que optam por cursos noturnos, pois dependem do trabalho diário para sobrevivência.

É necessário discutir de forma madura as chances que teriam caso desejassem seguir uma dessas carreiras. (GIACAGLIA, 2003). “A fragilização e incoerência das instituições de ensino, com relação ao atendimento aos interesses dos que a frequentam, podem ser consideradas propulsoras do seu fracasso escolar em escala nacional” (OLIVEIRA, 2007. p.03).

Para Soares (2002), a expectativa quanto à escolha da carreira profissional está ligada ao significado do trabalho para o indivíduo que é mediado pelo sentido que a família atribui. Para ela a representação pode variar entre a manutenção ou busca de status, conquista da independência financeira, a aceitação dos papéis de adulto, realização pessoal entre outros. O ato de escolher demonstra o desejo, a perspectiva do futuro e a realização da conquista, por isso sua importância e significação na definição do projeto de vida (VASCONCELOS; OLIVERIA, 2004).

O jovem até agora avaliou o mundo através dos valores da sua família, mas, ao confrontá-los com os valores e normas dos novos grupos que passa a frequentar, verifica que os valores familiares não são os únicos disponíveis e que, muitas vezes não se adaptam a funções que são agora exigidas. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. 2001).

Para compreender a complexidade do significado do trabalho para o indivíduo faz-se necessário pensar a cerca dos valores e conceitos que a sociedade em sua volta define como fundamental, e, compondo essa sociedade encontram-se diversos microsistemas como a família, a escola, a creche entre outros sob a influência de um macrosistema organizado por uma cultura, uma estrutura política e uma economia.

Bronfenbrenner (1996) ao desenvolver a abordagem ecológica, levanta algumas críticas quanto ao modo de pesquisa do desenvolvimento humano quando considerado apenas em um ambiente, para ele as múltiplas relações pessoais em lugares de estruturas diferentes tendem a definir padrões de comportamentos distintos. Em sua abordagem o desenvolvimento humano é possível de ser compreendido quando observados os vários sistemas que o indivíduo participa.

O ambiente ecológico de desenvolvimento humano não se limita apenas a um ambiente único e imediato, e deve ser concebido topologicamente como uma organização de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte (BRONFENBRENNER, 1996 p.18)

O primeiro sistema ele denomina de microsistema que faz parte por exemplo o núcleo familiar. As relações são face-a-face com características físicas e materiais particulares. O comportamento de um membro influencia o comportamento do outro diretamente. O segundo sistema ele chama de mesosistema que é a ligação entre dois ou mais microsistemas onde a criança em fase de desenvolvimento participa ativamente, como exemplo a escola e os amigos da vizinhança.

Depois vem o chamado exosistema que são as comunidades institucionais, nesse, o indivíduo em desenvolvimento não tem participação ativa, mas podem ocorrer eventos que afetam o ambiente que a criança vive como exemplo o círculo de amigos dos pais. E por último o macrosistema que liga todos os sistemas mas os diferencia pela cultura, a política e a economia distinta de cada um.

#### 4 A ORIENTAÇÃO E O TRABALHO

Segundo essa linha de pensamento, a definição de trabalho que um indivíduo constrói no decorrer do seu desenvolvimento estará relacionado tanto ao ambiente que ele convive, (os microsistemas), quanto às estruturas das políticas públicas desenvolvidas e a cultura (o macrosistema).

Essa idéia entretanto de que o indivíduo poderá escolher sua profissão a partir do meio social, das suas aptidões e do significado atribuído ao trabalho é algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista.

Antes do capitalismo, o indivíduo tinha sua ocupação determinada pelos laços de sangue, sua ocupação vinha de berço. Os servos teriam seus filhos e netos sempre servos; os senhores seriam sempre senhores. No capitalismo, o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Agora, ele precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. Nada mais é determinado “naturalmente”. No capitalismo, o indivíduo “pode tudo”. O filho do operário não será obrigatoriamente operário. Pode até ser doutor, desde que se esforce, estude, trabalhe e lute. Tudo depende dele. Seu destino está nas suas mãos, como nos faz crer a ideologia do capitalismo. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. 2001. p.409).

Pode-se perceber que as mudanças no sistema econômico influenciam diretamente a dinâmica de construção de identidade do indivíduo principalmente no que refere à escolha profissional. A posição e o status social que anteriormente era como um

processo hereditário agora a liberdade de escolha abre alternativas diversas e impõe uma responsabilidade pessoal que garante consequências individuais, mas também familiares.

Torna-se, portanto aceitável que um conflito entre as ofertas do mercado de trabalho e as reais possibilidades de escolha se manifeste no indivíduo, já que o seu destino está em suas mãos e o modelo de sociedade exija que para fazer parte da mesma o jovem precise ser um membro produtivo. Entretanto é possível identificar um paradoxo de ideias na construção da política capitalista, pois ao mesmo tempo em que determina o perfil do profissional apto para o trabalho ignora as necessidades do mesmo. Uma vez que, por exemplo, educação de qualidade é direito do cidadão e dever do estado.

Segundo a Constituição Federativa do Brasil no terceiro capítulo seção I Art. 205 diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A escola é definida então como lugar onde a criança não apenas será dotada de conhecimentos pedagógicos e matemáticos, mas também poderá participar da dinâmica do desenvolvimento social que acontecerá na troca de experiências com os adultos e com os outros colegas, das ações aprendidas no ambiente de casa trazida à escola.

“Uma instituição da sociedade, trabalhando a serviço desta sociedade e por ela sustentada a fim de responder a necessidades sociais e, para isso, a escola precisa exercer funções especializadas” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA. 2001 p. 348).

Entende-se então que a qualificação para o trabalho advém de uma educação especializada oferecida pelo governo a todos os cidadãos, entretanto sabemos que o trabalho é uma possibilidade, ou seja, não é para todos, uma vez que muitos morrem de fome diariamente, e o número de desempregados e assalariados cresce constantemente no Brasil. (SOARES, 2002).

Bock, Furtado e Teixeira (2001) citam dois problemas frequentes quanto à formação educacional, sendo eles a escolarização e o vestibular e os custos da formação. Consideram que o fator econômico pesa mais que o esforço individual. A simples imersão da criança e do jovem no meio social não lhes garantirá um aprendizado crítico dos modelos.



Ao observar o cotidiano dos alunos das classes mais baixas foi constatado que os mesmos possuem menores chances de ingresso em faculdades pela disponibilidade de tempo dedicado aos estudos. Diferente dos alunos de classe media alta que na maioria das vezes não precisam trabalhar em atividades desgastantes, dispendo maior tempo para estudar além da oportunidade de uma boa alimentação, horas de descanso satisfatórias e recursos financeiros para adquirir os materiais didáticos necessários.

Nesse contexto acontece então o que é conhecido como cruzamento: no qual os alunos de escolas públicas vão para faculdades particulares e os alunos das instituições privadas ingressam nas universidades públicas. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Outro ponto interessante de se pensar quanto educação escolar é que esta instituição, hoje mais do que nunca, tem a responsabilidade de preparar o adolescente para o mundo das responsabilidades adultas ensinando os valores morais, sociais e conhecimentos científicos. Porém o que é ensinado dentro da escola parece estar sempre distante da realidade dos alunos, fazendo com que as concepções pedagógicas fiquem cada vez mais distantes da concepção da realidade.

Criou-se, então, a ilusão de ser possível preparar o indivíduo para viver o cotidiano da sociedade estando ele de fora deste cotidiano, em um desvio — o desvio escolar. Assim pensada, a escola acaba por ensinar um conhecimento distante da realidade social. Nesta concepção, chega-se, de fato, a erguer muros para que a realidade não entre na escola; criam-se regras diferentes das vigentes na sociedade, enfim, substitui-se a realidade social pela realidade escolar. Enclausuram-se as crianças e os jovens em nome da educação. [...] A escola não deve ser pensada como fortaleza da infância, como instituição que enclausura seus alunos para melhor prepará-los. É preciso articular a vida escolar com a vida cotidiana; articular o conhecimento escolar com os acontecimentos do dia-a-dia da sociedade. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001. p. 349).

A dinâmica do mercado de trabalho e suas exigências não podem ser descobertas pelo indivíduo apenas quando o mesmo chegar à fase de encarar a escolha profissional. Deve fazer parte do seu cotidiano a constante preparação por meio da ação conjunta entre a escola e o social de forma possa viver na sociedade o que se aprende na escola e aperfeiçoar na escola o que a sociedade ensina.

Sendo assim, o amadurecimento das opções profissionais resultará numa escolha satisfatória e compensadora. Satisfatória por que vai de encontro com atividades que causam prazer ao indivíduo estimulando-o a vender sua força de trabalho e compensadora por suprir suas necessidades financeiras e de integração social.

A realidade, entretanto é vista por Lisboa e Soares (2000) um tanto diferente, pois apontam que com a indefinição dos papéis profissionais na sociedade capitalista especialmente, é possível que o processo de orientação seja orientar para a desorientação, pois os paradigmas descritos referentes à pós-modernidade mais indefinidos se fazem apresentando existências de elevado grau de fragmentação e individualismo. A política, cultura e a economia cada vez mais influenciada pelos acontecimentos a nível internacional e porque não dizer nível global.

A identidade não é mais unitária nem essencial, mas fluída e mutável. Partidos políticos que constantemente abrem espaço aos novos movimentos sociais discutindo questões como sexo, etnia e localização. Culturas minoritárias, em vez de identidade nacional. Processos de desindustrialização de muitas regiões, pessoas preferindo localizar-se em áreas suburbanas ou ex-urbanas.

Soares (2002) ainda considera que além das influências políticas é preciso pensar a desvalorização do espaço social das pessoas com habilidades artísticas. Há muito preconceito com os que optam em fazer da arte sua atividade profissional.

E se uma jovem de classe média, cuja família incentiva e valoriza o estudo, decidir ser costureira? O que se passará com ela? Provavelmente será vista pelo seu círculo social mais próximo como se não estivesse aproveitando a sua oportunidade pessoal. O fato de escolher tal tipo de profissão supõe um menosprezo social, uma vez que o trabalho manual é desvalorizado. (SOARES. 2002. p.103)

Ao considerar tantos pontos importantes torna-se cada vez mais compreensível que o indivíduo no momento de decisão profissional na maioria das vezes passa por uma crise não somente relacionada ao seu futuro, mas também a questão de identidade - quem eu sou e onde estou. Por outro lado, torna-se cada vez mais complexo o contexto, pois se a vocação não existe como Soares (2002) afirma e ninguém nasce apenas com uma profissão são as oportunidades de experimentar as situações diversas na vida que irão mostrar as possibilidades da escolha.

Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade. Não posso, traindo a vida, bendizê-las. (FREIRE, 1993. p. 79-80; 87-8.)

A desvalorização profissional, a indefinição dos papéis sociais, as constantes mudanças nas estruturas políticas e a crise de identidade do indivíduo mais do que tópicos de frustrações podem servir de estímulo se o indivíduo for bem preparado para

encarar o novo valorizando os diversos espaços e possibilidades de desenvolvimento profissional. “... todas as profissões têm importância social, pois todas elas respondem a algum tipo de necessidade social e contribuem para a manutenção da vida em sociedade”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001 p. 413).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por trás de toda escolha tem uma história, tem uma cultura, tem uma família, tem uma política e o mais importante tem uma subjetividade complexa sendo desenvolvida. Desse modo falar em evasão de alunos matriculados no ensino superior requer uma vasta compreensão de significados que vão muito além de “desistência” ou “incapacidade”.

Considerando a importância da subjetividade, da satisfação pessoal no desenvolvimento da vida profissional é que a Orientação Vocacional vem contribuindo há décadas com investimentos em estudos, pesquisas e seminários que visam facilitar o processo tanto para os profissionais da educação como para os responsáveis pelas políticas públicas responsáveis pelas elaborações de métodos de admissão de alunos no nível superior.

A ideia de vocação normalmente é acompanhada de conceitos e definições errôneas. A vocação não existe, entretanto é necessário considerar dentro do contexto do indivíduo suas possibilidades de escolha bem como as informações que o mesmo tem. Assim como é errado afirmar que todos os negros têm talento para o futebol, também o é afirmar que todos os negros não o têm se muitos dos mesmos podem nem mesmo conhecer o jogo. Portanto não saberá se é habilidoso para determinada área se nem mesmo a conhece.

Na falta de informação é possível que o jovem inicie um curso apenas por ter talvez uma fantasia sobre a determinada profissão ou ainda a escolha por ser a mais compatível com seus horários de serviço e seu orçamento financeiro. A escolha profissional será na maioria das vezes baseada na relação com a realidade. É necessário muito esforço para superar os obstáculos de uma sociedade capitalista que favorece aqueles que podem custear com facilidade seus gastos didáticos.

A proposta da orientação vocacional não é apenas a de num determinado momento da vida do estudante despejar inúmeras informações sobre o mercado de

trabalho e sim desenvolver num processo longo, porém eficaz um caráter crítico reflexivo que traga para a realidade do cotidiano as exigências e também o custo de escolher determinada profissão.

É também função da escola promover eventos e situações que desperte a curiosidade e a motivação nos alunos desde muito cedo a buscar se identificar com as múltiplas possibilidades profissionais. Sem terem medo de mudar de escolha, de ousar experimentar algo novo, arriscar-se fazendo contatos com outros atuantes das áreas desejadas evitando futuras frustrações.

Quanto mais cedo forem percebidas as habilidades individuais as possibilidades de satisfação profissional serão maiores. Assim como a segurança de uma escolha madura, previamente planejada poderá evitar uma possível evasão do aluno no curso de sua capacitação.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association - DSM IV. *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais* (4a ed.). 2012.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023. *Informação e documentação: referências - elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.

BOCK. A. M. B.; FURTADO O.; TEIXEIRA A. L. T.; *Psicologias – Uma introdução ao estudo de psicologia*. 3ª tiragem. São Paulo. Saraiva. 2001.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BROWN, D. & BROOKS, L. (1996). *Introducion to theories of career development and choice: Origins, evolution, and current efforts*. Em D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career development choice and development* (3ª ed., pp. 1-30). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

CARVALHO, M. M. M. J. (1995). *Orientação Profissional em grupo: Teoria e técnica*. Campinas: Editorial Psy.

CRITES, J. O. *Vocation Psychology*. New York: McGraw-Hill, 1969.

FREIRE, P. *Política e Educação*. São Paulo, Cortez, 1993.

GIACAGLIA, L.R.A. *Orientação Vocacional por atividades: Uma nova teoria e uma nova prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003

OLIVEIRA, I (2007). *O Público e o Privado no Contexto da Educação Pública Brasileira*. Revista Científica da UFPA; Ano 07/Vol. 06, Nº 01. Disponível em <http://www.cultura.ufpa.br/rcientifica>.

OSIPOW, S. H. *Theories of Career Development*. New York: Appleton Century Crofts, 1968.

PARSONS, F. *Choosing a vocation*, Boston: Houghton Mifflin, 1909.

ROSAS, P. (2000). *Construindo caminhos: Uma abordagem histórica*. Em I. D. Oliveira (Org.), *Construindo caminhos: Experiências e técnicas em orientação profissional* (pp. 15-34). Recife: EDUFPE.

SARRIERA, J. C. *Formação e orientação ocupacional: manual para jovens à procura de emprego*. Câmara e Cyntia Schwarcz Berlim – Porto Alegre: Sulina, 2006.

Soares, D. H. P. *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.  
Soares, D. H. P., & Lisboa, M. L. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus, 2000.

SPARTA, M. *O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil*. Revista Brasileira de Orientação Profissional, Ed.4. 1-11. 2003.

SPARTA, M.; BARDAGI, M. P.; TEIXEIRA, M. A. P. *Modelos e Instrumentos de Avaliação em Orientação Profissional: Perspectiva Histórica e Situação no Brasil*. Revista Brasileira de Orientação Profissional, vol. 7, núm. 2, diciembre, 2006, pp. 19-32, Associação Brasileira de Orientação Profissional Brasil

VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. *Orientação Vocacional: alguns teóricos, técnicos e práticos*. 1 ed. São Paulo. Vetor. 2004.